

Economia - Brasil

Eles roubam vales-refeição e talões de Zona Azul, assaltam para pagar as despesas de velório e entram no comércio de cheques roubados para comprar bananas. Por inexperiência, são os primeiros a aportar nas cadeias.

A recessão muda hábitos e cria novos bandidos

PERCIVAL DE SOUZA

A recessão mudou hábitos, deixou pouco dinheiro no bolso, alterou os planos de muita gente e trouxe consigo novos personagens que começaram a freqüentar as delegacias. Os marinheiros de primeira viagem, no mundo da criminalidade os "primários", aventurem-se pela primeira vez na tentativa de resolver seus problemas às custas dos recursos alheios. São os bandidos da recessão.

Essas pessoas roubam vales-refeição, vales-transporte, talões de Zona Azul, assaltam para pagar as despesas de velório e enterro, roubam pares de tênis e dão tiro no chefe com medo de perder o emprego. Também aproximam-se dos trombadinhos e trombadões que agem na cidade para entrar no comércio de cheques roubados e comprar carne e bananas, freqüentar festas e até mesmo arriscar banhos de loja com as grifes da moda. Os bandidos da recessão não sonham alto e, até mesmo por falta de experiência, costumam ir mais depressa para a cadeia, enquanto os arquivos da polícia estão lotados com 116 mil mandados de prisão a serem cumpridos.

O Centro da cidade serve como um dos termômetros para se avaliar a aparição dos novatos bandidos da recessão. "É impressionante o número registrado de furtos de toca-fitas e roubo de vales-transporte", atesta o delegado Naief Saad Neto, titular do 5º Distrito Policial, referindo-se a uma legião de primários que sai de Itaquera, na zona Leste, para roubar no Centro.

A CMTC tem um posto de venda de vales-transporte na rua Santo Antônio, Bela Vista, onde os assaltos são comuns. O delegado até sabe que o maior número de ataques dos bandidos da recessão acontece entre os dias 25 e o dia 5 do mês seguinte e revela: "A grande maioria dos assaltantes presos em flagrante ou detidos por vadiagem (artigo 59 da Lei de Contravenções Penais) mora no conjunto Cohab II".

O delegado Naief vive um contraste: investiga ao mesmo tempo as circunstâncias de um tiro que um motorista-segurança do empresário Mathias Machline, da Sharp, acertou no poderoso executivo japonês Yukio Ishiumi, no final de novembro, e o destino dos vales-transporte roubados, transformados

em moeda corrente e negociados muitas vezes com cobradores de ônibus. Os toca-fitas, revela, são vendidos por quantias insignificantes por ladrões primários que, sem nenhuma espécie de requinte, simplesmente estouram os vidros do carro e arrebentam o painel.

O secretário da Segurança, Pedro Franco de Campos, preocupado com a onda de desemprego que varre o Estado, admite que o bandido da recessão é uma realidade: "Sem dúvida nenhuma, a retração na economia é um fator de crime". Mas, recordando as lições de professor de Direito Manoel Pedro Pimentel, faz uma ressalva: "A pobreza por si só não é causa de crimes, mas sem dúvida a pobreza é um fator de criminalidade". Enquanto isso, nem as bancas de jornais escapam dos ladrões de talões da Zona Azul, que fazem da velocidade em arrebatar e correr a sua arma principal.

A recessão leva para a polícia fatos e casos de que a maioria das pessoas prefere não tomar

conhecimento. Encobertos sob o rótulo de "mundo-cão", esses eventos são ignorados por policiais e pela sociedade. Mas eles existem e revelam, cada vez mais acentuadamente, um vínculo entre o crime e a recessão.

Um outro exemplo disso está no furto de vales-refeição. Há poucos dias, policiais da 2ª Delegacia de Crimes Contra o Patrimônio do Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic) surpreenderam os irmãos Marcelino e Marcelo Martiniano de Carvalho levando, dentro de um Opala, um pacote com vales-refeição no valor de Cr\$ 521 mil. Descobriu-se que a mulher de um deles, Tania Cristina, funcionária do Vale Refeição Limitada, aproveitou-se do fato de trabalhar como conferente da firma para se apropriar dos vales. Os irmãos foram surpreendidos pelo Deic nas proximidades da estação ferroviária de São Miguel Paulista. Marcelino era soldado da PM no 1º Batalhão. O delegado Justino Matos Ramos Junior, o mesmo que descobriu os ladrões

da Nossa Caixa (o maior roubo a instituição financeira de 1991), chegou a pensar que estivesse diante de uma nova grande quadrilha. Mas concluiu que o trio era "pé-de-chinelo, que desvia os vales para transformá-los em moeda". Os vales carimbados, depois de usados, eram reutilizados e limpos com álcool para voltar a circular.

O mês de dezembro serviu para mostrar como os bandidos da recessão estão em atividade, causando um certo constrangimento na polícia. É o caso da doméstica Sanaína Dumas, de 23 anos, que foi parar na delegacia da Penha porque quis comprar 40 quilos de carne num açougue do bairro usando cheques roubados. Os bandidos de crises são inexperientes e demonstram muito nervosismo.

Quase sempre as vítimas desconfiam deles. Aconteceu com Ivan Pereira da Silva, de 20 anos, que convenceu três amigos a ajudá-lo a resolver o problema de pagar despesas do enterro de um primo morto por ocasião do Natal. Eles atacaram o comerciante João Bosco da Silva, dono de um bar da zona Leste, enfiaram-no dentro de

um carro, em companhia da filha de 14 anos, deixando claro o que pretendiam: arranjar dinheiro para pagar velório e um ônibus para conduzir os amigos até o cemitério, que haviam alugado. Com o seqüestrado e filha dentro do carro, ainda deram uma passada no velório, quando alguém percebeu o constrangimento do comerciante e chamou a polícia. Ivan e os amigos foram autuados em flagrante na delegacia da Cidade AE Carvalho.

Os casos chegam a ser curiosos. Nelson Teixeira Lopes, 24 anos, e Armando Teixeira Gomes, 39, por exemplo, juntaram uma série de cheques roubados para comprar Cr\$ 300 mil em cachos de bananas. Valdemar Mierzwa, 29 anos, arranjou um cheque roubado de Cr\$ 185 mil e foi tomar um banho de loja na rua Augusta. Comprou sapatos, bermudas, camisetas e sacolas. O dono desconfiou de seus modos e Waldemar foi parar na cadeia.

Joel Ferreira dos Santos foi a um restaurante na Liberdade e, na hora de pagar a conta, apresentou um cheque roubado. O gerente desconfiou. Joel possuía antecedentes como estelionatário.

Mas os casos mais dramáticos do mês foram o do soldado Ailton Alves Santos e João Aleixo da Silva, ambos com 24 anos. Com medo de ser demitido pelo encarregado do setor técnico de uma empresa de tubulação em Mauá, Ailton matou-o a tiros,

com a ajuda do cunhado, "Eu não queria ser mandado embora", disse na delegacia. Aleixo, 24 anos, foi morto porque não quis entregar seu par de tênis a ladrões, ao sair de uma festa de casamento em Barueri.

Também aparecem os que procuram agir com certa sofisticação, como Josias Dutra Duarte e Marcos Antonio Vianna. Os dois vinham do Rio para São Paulo, compravam passagens aéreas com cheques roubados e logo em seguida iam vendê-las nos balcões do aeroporto, por preço bem abaixo do normal. Os dois foram presos porque queriam comprar roupas num shopping.

Os bandidos da recessão estão embutidos nos 4.444 roubos registrados na Capital durante o mês de dezembro, dos quais 1.377 na zona Oeste, 968 na Sul, 810 na Leste, 737 no Centro e 552 na zona Norte. Só nos casos esclarecidos pelo Deic, os prejuízos causados às vítimas foram de Cr\$ 839 milhões em novembro e Cr\$ 757 milhões em outubro. O resultado disso é que o número de presos aumenta em 500 pessoas, em média, a cada mês. A recessão chegou definitivamente à polícia. Os flagrantes são crescentes, os presídios estão abarrotados e a Justiça se vê atravancada com tantos processos. O orçamento espremido fez o secretário da Segurança, Pedro Franco, limitar em café da manhã, almoço e jantar as refeições dos presos nas delegacias. O lanche da tarde foi cortado. "Nem eu tomo lanche", justifica.

